

A influência do uso de mídias sonoras como ferramenta de auxílio na preparação de uma performance musical.

César Baracho

Resumo: O artigo aborda o uso de mídias sonoras, playback, como ferramenta auxiliar ao estudo do instrumento musical. É apresentado um artigo que compara formas de estudo com aplicação de diferentes tipos de acompanhamentos musicais. Em seguida um experimento realizado pelo autor, busca reafirmar a metodologia proposta pelo artigo. Finalizando é realizada uma comparação entre os dois processos, obtendo alguns conhecimentos que podem ser importantes para o desenvolvimento e aplicação de mídias no estudo da música

Palavras-Chave: playback, performance, estudo do instrumento.

Abstract: This article explores the use of sound media, particularly playback, as an auxiliary tool in musical instrument study. It presents a comparison of study methods involving different types of musical accompaniments. Subsequently, the author conducts an experiment to reaffirm the methodology proposed in the article. Finally, a comparison between the two processes yields insights that could be valuable for the development and application of media in music study.

Keywords: playback, performance, instrument study.

A música surge no mundo como consequência da observação do homem e reprodução dos sons da natureza que o mesmo via. Desde sua origem, sugere-se o uso de acompanhamento seja instrumental, seja vocal, todas executadas simultaneamente com a voz ou o instrumento solista principal.

De acordo com MUNIZ “ao longo da história da música, a figura do acompanhador, colaborador, esteve presente nas diversas formações musicais, inicialmente junto a cantores e, com o passar do tempo, integrado a grupos instrumentais” (MUNIZ, 2010, p.13). Rubio acrescenta,

A arte de acompanhar existe desde os inícios da humanidade, tendo começado com ritmos percutidos e instrumentos feitos de osso. Evoluindo ao longo dos vários períodos da história da música, e passando pela aparição do que poderíamos chamar o acompanhador profissional no Barroco e pela criação do *pianoforte*, o acompanhamento instrumental chegou ao seu máximo esplendor no período do Romantismo no século XIX, com o género *lied* para voz e piano de Schubert (RUBIO, 2012, p.1)

Ter acesso a algum tipo de acompanhamento durante os estudos de obras musicais é muito importante para a preparação de uma performance, vários autores corroboram com esta ideia como exemplo Sheldon, Reese e Grashel (1999, p. 252) que dizem que os solos instrumentais executados com a ajuda de um acompanhamento musical são necessários na experiência da performance, pois leva o músico a ter uma experiência mais completa da obra. Apesar da afirmação, sabe-se da dificuldade de ter acesso a uma orquestra ou mesmo grupos de câmara para o estudo e apresentações das obras. Um dos recursos mais utilizados como acompanhamento têm sido, segundo eles, um pianista colaborador, que toca, além dos arranjos originais do piano, reduções de outras formações adaptadas ao seu instrumento. A função do pianista colaborador vai além de simplesmente tocar o acompanhamento junto ao solista, ele deve estar engajado em auxiliar o músico no processo de preparação da performance.

Segundo Mundim (2009, p. 29), o pianista colaborador ajuda na compreensão e na interpretação musical empregando todos os seus conhecimentos gerais para dar apoio ao aluno. Rubio (2012, p. 39) corrobora com a afirmação ao falar que trabalhar regularmente com um pianista colaborador ajuda na evolução de aspectos importantes como afinação, pulsação, ritmo, compreensão integral das obras, confiança, musicalidade entre outros.

Apesar da conclusão a cerca das vantagens do acompanhamento do pianista junto ao músico solista, o acesso aos mesmos não costuma ser facilmente disponível, sendo mais comum em instituições de ensino regular de música ou para aqueles que podem pagar por este trabalho. Oliveira diz:

“Com o passar dos anos, o acompanhamento ao piano nas aulas de instrumento em muitas instituições artísticas começou a ser substituído por tecnologias como o Play-along, devendo-se por vezes à falta de meios económicos para ter um pianista colaborador ou devendo-se a uma decisão do próprio docente do instrumento em usar esta ferramenta” (Oliveira, 2018, p. 55)

Tem sido ampla a discussão a respeito do uso de ferramentas tecnológicas nas diversas áreas de conhecimento e na música não seria diferente. Sabe-se que existem ambientes virtuais de produção musical que possibilitam a gravação, edição, sonorização, modificação e criação de músicas e que o crescimento da capacidade computacional possibilita que o usuário componha desde os primeiros rascunhos até a versão final da

mesma otimizando tempo, potencializando resultados e permitindo agilidade em um processo que antes poderia ser moroso e passível de maiores erros (FERREIRA, 2019).

Considerando pois a dificuldade de acompanhamento ao vivo, Sheldon, Reese e Grashel(1999, p. 252) falam que uma opção para que os solistas possam aumentar a prática solitária seria através do uso de arranjos gravados, os chamados *play along*, ou *playback*. De acordo com Silva (2017) a terminologia denominada de *play along* surgiu aproximadamente na década de 60 nos Estados Unidos. Uma tradução simples do termo seria: "tocar acompanhado", "junto". Nesta prática, busca-se auxiliar o executante a uma prática que simula o tocar em conjunto. Uma das propostas deste material era de amenizar os obstáculos deparados pelos profissionais e estudantes de música, que ansiavam um aprimoramento no instrumento e/ou desenvolver as técnicas de improvisação, mas na maioria das vezes não havia músicos disponíveis para os acompanharem.

Levi (2010, p. 8) trás a seguinte reflexão sobre o uso da ferramenta: "Ao estudar com um *play along* que possua um acompanhamento harmônico (piano, guitarra, baixo, etc.) e rítmico (bateria e percussão), um solista tem uma resposta bem próxima à realidade de se fazer música em conjunto.

A possibilidade de se utilizar de tais ferramentas no processo de preparação de uma performance abre uma gama de possibilidades para o músico, mas também traz consigo muitos desafios inerentes ao seu uso. Estudos realizados nesta área podem trazer aprimoramentos para elaboração dessas mídias, além de aprimorar sua usabilidade e trazer para discussão os resultados obtidos com o uso deste tipo de ferramenta e compará-los com resultados obtidos com outras formas de preparação de uma performance musical.

No que diz respeito ao uso de mídias sonoras um estudo relevante citado anteriormente realizado por Sheldon, Reese e Grashel (1999) investigou a influência do uso do *playback* (mídias sonoras) na preparação de uma obra musical. O trabalho avaliou e comparou performances de grupos de músicos que estudaram acompanhados por pianista ao vivo, por mídias sonoras e sem nenhum tipo de acompanhamento, com posterior avaliação das performances realizadas por cada grupo, a fim de levantar as particularidades sobre cada modo de preparo da obra. Decidiu-se então aprofundar-se sobre o mesmo a fim de levantar conhecimentos sobre a produção e utilização das mídias sonoras.

Experimento Sheldon; Reese e Grashel (1999)

Sheldon; Reese e Grashel (1999) realizaram um estudo sobre os efeitos do acompanhamento ao vivo, acompanhamento digital ou não utilização de acompanhamento na preparação de uma performance musical. O objetivo foi de fazer uma investigação sobre a diferença de desempenho entre instrumentistas que prepararam uma peça de maneiras distintas, sem acompanhamento, com acompanhamento ao vivo e com acompanhamento digital. A pesquisa analisou as performances desses instrumentistas, avaliando o impacto das diferentes abordagens na qualidade e execução da peça. Gerando insights sobre os benefícios e desafios de cada método de preparação.

O experimento contou com a participação de 45 alunos voluntários de um curso de graduação em música. Esses alunos foram selecionados para tocar um instrumento de sopro secundário, por não ser seu instrumento principal, os voluntários tornaram-se iniciantes em um instrumento. Foram estabelecidas algumas regras, como o tempo de estudo do instrumento secundário, a proibição de tocar em conjunto e a prática limitada fora do contexto do estudo. Os instrumentos utilizados foram flauta, clarinete, saxofone alto, trompete, trompa e trombone.

Os participantes foram divididos aleatoriamente em três grupos de 15 integrantes cada. O primeiro grupo estudou sem qualquer tipo de acompanhamento, o segundo grupo teve acompanhamento ao vivo por um pianista e o terceiro grupo utilizou um acompanhamento digital inteligente. As peças selecionadas para o estudo foram de nível moderado, com base no repertório disponível no software Smart-Music¹ (MAKEMUSIC, 2023), que foi a ferramenta utilizada para o acompanhamento digital inteligente. O tempo total do estudo foi de seis semanas, com uma recomendação de prática de 1,5 horas por semana para cada grupo, de acordo com o método escolhido.

O grupo que utilizou o acompanhamento digital recebeu uma imersão para conhecer e aprender a usar a ferramenta *Vivace*, antigo nome do Smart-Music. Após o período de estudo, foram realizadas duas gravações por grupo, uma com o aluno tocando solo e outra com o acompanhamento proposto para o respectivo grupo.

As gravações foram avaliadas por uma banca examinadora, que analisou uma série de fatores desenvolvidos durante o processo. Foram avaliados entonação, ritmo, técnica, interpretação e articulação.

Na comparação entre as duas gravações realizadas, observou-se que o grupo sem acompanhamento foi o único que apresentou melhora na pontuação geral. Especula-se que

¹ Atualmente o *SmartMusic* é acessado apenas online integrado ao portal *MakeMusic Cloud*.

essa melhora pode estar relacionada ao fato de que esse grupo passou duas vezes pelo mesmo processo de execução, tocando sem acompanhamento em ambas as gravações. Por outro lado, os outros grupos experimentaram situações diferentes na primeira e segunda gravação, o que pode ter influenciado negativamente seu desempenho.

Entre os grupos que tocaram com recurso de acompanhamento (seja o piano ou o digital), os autores concluíram que o desempenho poderia ser aumentado se associado a um período maior de contato com o mesmo. Importante destacar que as notas médias na primeira execução dos grupos com acompanhamento foram consideravelmente melhores do que as do grupo sem acompanhamento, indicando que a prática com acompanhamento pode auxiliar o músico a ter uma melhor compreensão do trabalho como um todo, fornecendo parâmetros comparativos relacionados ao ritmo e afinação por exemplo.

No caso do grupo que utilizou o acompanhamento digital, foi observada uma pontuação mais baixa na categoria interpretação, sugerindo uma limitação em termos de expressividade do músico com este tipo de acompanhamento. No entanto, os autores sugerem que com um maior tempo de exposição a essa ferramenta, os resultados poderiam ser diferentes, implicando que a familiaridade e o tempo de prática com o acompanhamento digital podem ser fatores relevantes para a obtenção de um desempenho mais expressivo.

Experimento Villani

Motivado pelo experimento citado acima e com o objetivo de levantar conhecimentos sobre o uso de mídias sonoras como ferramenta de apoio ao estudo de obras musicais, decidiu-se realizar um experimento semelhante, onde um saxofonista profissional, o autor deste trabalho, foi submetido às três diferentes maneiras de preparação da performance, semelhante ao estudo de Sheldon, Reese e Grashel (1999), sendo elas: sem nenhum acompanhamento, acompanhado de um pianista e acompanhado por mídia sonora.

Neste experimento foram estudadas três peças de equivalente nível técnico ao saxofone, cada uma preparada de uma maneira diferente:

1. Estudo da peça sem nenhum tipo de acompanhamento.
2. Estudo da peça com acompanhamento de mídia sonora não flexível.

3. Estudo da peça com acompanhamento de pianista colaborador.

Para este experimento, foi feita uma seleção de três peças para saxofone. As peças escolhidas deveriam apresentar um nível técnico e interpretativo equivalentes, a fim de que possíveis desníveis técnicos interferissem o mínimo nos resultados finais. Outro fator considerado na escolha foi que o instrumentista não tenha estudado as peças em outras ocasiões.

Foram escolhidas obras escritas pelo compositor Edmundo Villani Côrtes (1930). São três choros para sax tenor e piano: "Choro do João" (1995), "O Gabriel chegou" (1977) e "Francisco no choro" (2006).

A divisão das obras por método de estudo ficou da seguinte maneira: "O Gabriel chegou" foi estudado sem nenhum tipo de acompanhamento, "Choro do João" foi estudado com auxílio de mídia sonora (MIDI) e "Francisco no choro" foi estudado com auxílio de um pianista colaborador. O estudo de cada obra foi realizado inicialmente com uma leitura métrica de 10 minutos para cada obra. Após, foram realizadas três sessões de 30 minutos de estudo para cada peça. Ao final deste período, foi realizada uma gravação final para análise.

Com a finalização das gravações foram extraídas algumas informações sobre cada modo de estudo das peças. A obra "O Gabriel chegou" foi estudada sem nenhum tipo de acompanhamento, para este tipo de preparação podem-se destacar a facilidade logística, uma vez que o estudo é feito de maneira solo, não dependendo de aparelhagem sonora ou outros instrumentos e instrumentistas, facilidade em fazer o estudo de forma lenta e gradual, possibilidade de se estudar em locais pequenos e a facilidade de organizar e sequenciar o estudo. Por outro lado, esta forma de preparação gerou uma certa monotonia de se estudar sem nenhum acompanhamento, o que causa pouco incentivo para tal. Gerou também uma falta de interatividade musical para o conhecimento da obra como um todo, falta de referenciais rítmicos e de afinação e a possibilidade de não ter a oportunidade de experimentar a performance com acompanhamento em outro momento.

Em "O choro do João" o estudo foi realizado com auxílio de mídia sonora com tempo fixo, este modo de estudo proporciona uma interação do solista com a mídia, fato que incentiva a prática, a tornando mais prazerosa. Também foram observados outros fatores

como flexibilidade quanto aos horários de estudo, referencial rítmico e de afinação, maneabilidade do acompanhamento para alterações de parâmetros como andamentos e dinâmicas e oportunidade de experimentar uma performance próxima do que seria a obra completa. Entretanto a necessidade do uso para aparelhagem sonora, exigência de conhecimento mínimo do equipamento, falta de interatividade mútua entre solista e acompanhamento e possível dificuldade em encontrar a mídia da obra estudada são fatores que geram desafios para este tipo de estudo.

O "Francisco no choro" foi a obra estudada com auxílio de um pianista colaborador, situação considerada a ideal do ponto de vista performático, mas que também traz consigo alguns problemas e desafios. Foram pontos positivos observados nesta prática a interatividade real entre músicos, o que enriquece a interpretação, experiência musical da proposta original da obra, possibilidade de fazer pequenos ajustes durante a execução e se utilizar do senso crítico do outro pra enriquecer a performance. Por outro lado, temos a dificuldade de se ter acesso a um instrumentista acompanhador, geralmente um pianista, o que gera outra dificuldade que é a necessidade de ter acesso ao instrumento e local para ensaio, possibilidade de o instrumento utilizado não estar devidamente afinado e necessidade de estudo por parte do instrumentista acompanhador o que gera uma responsabilidade além do alcance do solista.

Comparando os experimentos de Sheldon, Reese e Grashel (1999) e Villani

Os dois estudos têm características bastante distintas entre si. Enquanto em Sheldon, Reese e Grashel (1999) os músicos foram expostos a um novo instrumento, em *Villani* foi realizado com o músico em seu instrumento principal. Em Sheldon, Reese e Grashel (1999), o estudo foi mais sistematizado, com um período pré-definido de duração. Já em *Vilanni*, devido a fatores intrínsecos ao próprio experimento, a previsão inicial de duração não foi cumprida à risca. O *Experimento Vilanni* foi executado pelo mesmo músico em todos os modos de preparação das obras. Portanto, o músico teve acesso tanto ao acompanhamento ao vivo, digital, quanto ao estudo solo. Já no estudo de Sheldon, Reese e Grashel (1999), foram divididos grupos de alunos, e cada grupo teve acesso a um dos modos de preparação.

Em uma análise comparativa entre estes estudos pudemos observar paridade entre os resultados obtidos por ambos, com destaque para a percepção dos autores quanto a falta de interatividade humana e seu prejuízo na interpretação dos músicos que foram

acompanhados por mídia digital quanto a consistência rítmica e de afinação se comparado ao grupo com acompanhamento ao vivo. Por outro lado, é observado que os resultados obtidos na performance em ambos os estudos não tiveram grandes alterações com a mudança do modo de preparo, no entanto foram observados diferentes efeitos da prática em cada situação, isto sugere que cada condição de prática tem seu valor e influencia diferentes aspectos do desempenho musical.

O presente estudo não tem como objetivo apontar qual a melhor maneira de se preparar uma obra, mas sim apontar as diferentes possibilidades e como o uso de cada uma pode auxiliar no processo, além de levantar conhecimento para o uso mais consciente e proveitoso das mídias sonoras como ferramenta de auxílio na preparação da performance.

Os resultados do estudo de Sheldon, Reese e Grashel (1999) assim como os resultados obtidos no *experimento Villani* trazem informações relevantes e positivas quando a ao uso de mídias sonoras bem como suas possibilidades na performance musical de um instrumentista. Entretanto é necessário lembrar o que conhecimento a cerca do uso dos instrumentos e ferramentas digitais pode ser um fator limitante à aqueles que apresentarem dificuldades com o uso da ferramenta de acompanhamento digital (softwares, aplicativos ou sistema web). Faz-se necessário talvez projetos de intervenções com o intuito de capacitar os profissionais no uso de tais ferramentas.

A realização deste estudo proporcionou o levantamento de conhecimentos que podem vir auxiliar a produção e uso das mídias sonoras para fins de acompanhamento musical. Acredita-se que através dos dos resultados será possível propor soluções na produção de mídias sonoras que visam mitigar os desafios observados, sejam através de capacitações, criações de novas ferramentas ou aprimoramento das existentes. É fato que mídias digitais não visam substituírem a experiência de acompanhamento com músico ao vivo, mas sim ser uma opção para ensaios, estudo, conhecimento geral da obra e preparação de uma performance quando não se tem acesso ao tipo de acompanhamento original da mesma.

Referências bibliográficas

MAKEMUSIC (Louis285 century place // louisville, co // 80027). **SmartMusic**. In: MAKEMUSIC (285 century place // louisville, co // 80027). Smart Music. [S. l.],. Disponível em: <https://www.makemusic.com/>. Acesso em: 16 set. 2023.

MUNDIM, ADRIANA ABID. PIANISTA COLABORADOR: A formação e atuação performática voltada para o acompanhamento de Flauta Transversal. Orientador: Prof^a Dr^a Margarida Borghoff. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) - ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo horizonte, 2009.

MUNIZ, FRANKLIN ROOSEVELT SILVA. O PIANISTA CAMERISTA, CORREPETIDOR E COLABORADOR: AS HABILIDADES NOS DIVERSOS CAMPOS DE ATUAÇÃO. Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Coutinho Rodrigues Costa. 2010. Dissertação (Mestrado em Música) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS, Goiania, 2010.

OLIVEIRA, JOÃO ANTÓNIO. STUDY-ALONG: UMA FERRAMENTA DE APOIO AO ESTUDO DAS OBRAS PARA SAXOFONE. Orientador: Evgueni Zoudikilne. 2018. Dissertação (Mestre) - Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, Aveiro, 2018.

RUBIO, Isolda Crespi. A INFLUÊNCIA DO PIANISTA ACOMPANHADOR NO PERCURSO DE APRENDIZAGEM MUSICAL DOS ESTUDANTES DE INSTRUMENTO. Orientador: Professora Doutora Sofia Lourenço. 2012. Dissertação (Mestrado em ciencias da educação) - Universidade católica portuguesa, Porto, 2012.

-(LEVI, Alexandre. Samba jazz: Reflexões sobre a ferramenta play along. Orientador: Marcelo Silva Gomes. 2010. TCC (Pós graduação) - FMU CPPQ – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação, São paulo, 2010.)

CONT, Arshia. ANTESCOFO: Anticipatory Synchronization and Control of Interactive Parameters in Computer Music. Hal Open Science, [S. l.], p. 1 - 9, 8 ago. 2008.

SHELDON, Deborah; REESE, San; GRASHEL, John. The Effects of Live Accompaniment, Intelligent Digital Accompaniment, No Accompaniment Musicians' Performance Quality. JRME, [S. l.], v. 47, n. 3, p. 251-265, 14 jun. 1999.